

FH: Brasil oferece lucro a baixo risco

Presidente afirma que a liberalização tem que ter a contrapartida dos países desenvolvidos

Sérgio Marques

Ricardo Miranda

Enviado especial • LONDRES

Em discurso para uma platéia de cerca de 300 empresários, industriais e banqueiros dos maiores grupos empresariais e financeiros da Grã-Bretanha, o presidente Fernando Henrique Cardoso apresentou o Brasil como um país onde há possibilidade de altos lucros e baixo risco. O presidente atacou as barreiras comerciais contra as exportações de produtos agrícolas e agroindustriais brasileiros para o mercado europeu e criou uma expressão para definir os que não acreditam no Mercosul: mercocéticos.

Convidado de honra da conferência "Link into Latin America" ("Ligação com a América Latina") e falando em inglês, durante 35 minutos, Fernando Henrique disse que o Brasil vive um novo ciclo de desenvolvimento, devendo o Produto Interno Bruto (PIB) apresentar um crescimento de 30% entre 1993 e 1998 — último ano de seu mandato. O crescimento este ano será, segundo ele, de 4,5%.

Em seu discurso, intitulado "Why Latin America? Why Brazil?" ("Por que a América Latina? Por que o Brasil?"), o presidente garantiu que o país controlou a inflação, que já foi de quase 1.000% em 1994, e não deve este ano passar de 7% (em 1996 foi de 10%). Ele discursou ao lado de John Major, primeiro-ministro britânico, e dos presidentes do Peru, Alberto Fujimori, e do Panamá, Perez Balladares.

Integração do Mercosul com a União Européia foi uma boa notícia

No início da tarde, durante encontro com Major e com o comissário de Comércio Exterior da União Européia, Leon Brittain — na residência do primeiro-ministro, na Downing Street — o presidente recebeu uma boa notícia: dentro de 18 meses deve ser fechada a pauta de temas da integração Mercosul-União Européia e as questões agrícolas, que tanto interessam ao Brasil, serão postas em discussão.

— Não fui eu que pedi o prazo. Foi ele quem deu. Mas o resultado prático é que eles estão percebendo que estamos entendendo esse processo e temos nossas reivindicações — disse, defendendo a união de forças da América Latina.

Lembrando que foi professor da Universidade de Cambridge, Fernando Henrique — no palco do auditório do Banqueting Hall, em Whitehall, em plena City londrina, o grande centro financeiro da Europa — disse que a grande força propulsora da mudança ocorrida no Brasil é a democracia. O presidente disse que o grande desafio da América Latina era enfrentar as crises econômicas e políticas sem enfraquecer suas instituições. Num de seus improvisos no discurso, lembrou a tradição parlamentar do Brasil: em mais de 170 anos de História, o Congresso brasileiro só ficou fechado "dez a 12 anos", em diferentes períodos de exceção.

Ao lado de Fernando Henrique, na mesma mesa, estava Fujimori, que dissolveu em 92 o Congresso dominado pela oposição, suspendeu a Constituição e governou por decreto com o apoio das Forças Armadas. Fujimori, que enfrenta sério desgaste com a crise dos reféns na Embaixada do Japão, foi outro que se esforçou para vender uma imagem confiável de seu país. Ao discursar antes de Fernando Henrique, e também em inglês, Fujimori disse que o caso dos reféns, que se arrasta há dois meses, não atrapalha os investimentos no Peru.

Fernando Henrique pede livre comércio sem protecionismo

Mas Fernando Henrique centrou seu discurso na necessidade de um livre comércio mundial, sem protecionismo.

— As exportações de produtos agrícolas e agroindustriais continuam a enfrentar condições de difícil acesso ao mercado europeu. Muitos competem com similares produzidos internamente na União Européia, ao amparo de elevados subsídios que criam condições artificiais de concorrência e eliminam as vantagens comparativas de nossos produtos — disse, pedindo a implantação dos compromissos assumidos pela União Européia na Rodada Uruguai.

O Brasil é contra a criação de uma Política Agrícola Comum e para isto tem o apoio da Grã-Bretanha. O comércio externo brasileiro foi deficitário em US\$ 5,5 bilhões em 1996.

— Temos nossas exigências. Estamos dispostos à liberalização com a condição de que liberalizem também o mercado europeu para produtos agrícolas. E o mercado dos EUA para outros tipos



O PRESIDENTE FERNANDO Henrique Cardoso é recebido pelo primeiro-ministro da Inglaterra, John Major, para um almoço na residência oficial do Governo, em Downing Street 10

de produtos. Agora é discussão de gente grande — afirmou, logo depois de ser recebido por Major para um almoço.

Primeiro a discursar, o primeiro-ministro britânico foi enfático:

— Devemos trabalhar juntos para alcançar um comércio mundial mais livre. A América Latina e a União Européia devem pressionar pela liberação global.

Para o presidente, a América Latina promoveu uma verdadeira revolução silenciosa, com democracias sólidas e economias estáveis. A inflação média da região, lembrou, caiu de 337% em 1994 para 19% no ano passado. A entrada de capital externo, que era de US\$ 26 bilhões em 1995, subiu para US\$ 49 bilhões em 1996. O volume de investimento direto na região chegou a US\$ 30 bilhões em 1996. As credenciais do Brasil, um precursor da globalização, segundo Fernando Henrique, são US\$ 12 bilhões presentes:

— Depende dos senhores.

Depois prometeu aos empresários

que as reformas que tramitam no Congresso serão realizadas:

— As reformas são necessárias e nós venceremos — disse.

Ao lembrar a "forte, vigilante e independente" imprensa brasileira, Fernando Henrique voltou a improvisar:

— É difícil ser presidente numa situação dessas.

Mais tarde, em entrevista, disse que a privatização da Vale do Rio Doce será realizada ainda neste semestre.

Antes de partir à tarde para Roma, Fernando Henrique ainda se encontrou com empresários britânicos e com o presidente do Partido Trabalhista, Tony Blair, apontado como virtual futuro primeiro-ministro. Se isso ocorrer, Blair porá fim aos 18 anos ininterruptos de governo conservador na Grã-Bretanha.

— É um rapaz jovem, energético. Está reorganizando o Partido Trabalhista. Uma posição que me parece necessária, que é a de rever antigas ortodoxias e pôr a visão dos trabalhistas dentro desse contexto atual — disse Fernando

Henrique, que convidou Blair, eleito ou não, para visitar o Brasil. O presidente recebeu ainda Paddy Ashdown, líder do Partido Liberal Democrata.

Em seu discurso na abertura da conferência, e depois no encontro com Fernando Henrique, Fujimori e Balladares, Major conclamou os empresários ingleses a investir na América Latina.

— A América Latina fez progressos admiráveis — reconheceu.

Major lembrou que a democracia foi consolidada no continente, políticas econômicas de livre mercado se tornaram regra, a hiperinflação quase desapareceu e há processos de privatização em larga escala (mais de duas mil empresas foram privatizadas desde 1985). Além disso, o Banco Mundial estima que a América Latina vai ser a região a crescer mais no planeta nos próximos dez anos, depois do Sudeste Asiático.

— Não se deve olhar para as relações da Grã-Bretanha com a América Latina de cem, 50 ou mesmo dez anos atrás. Vamos olhar para o futuro. Olhar como

podemos aumentar a cooperação, o comércio, os investimentos e construir uma parceria moderna — encerrou.

Os investimentos bilaterais estão fortes. Major disse que a Petrobras investiu US\$ 208 milhões na exploração de petróleo no Mar do Norte e que a Tenenge (subsidiária da Norberto Odebrecht) investiu US\$ 160 milhões em obras na Inglaterra. A British Gas está investindo US\$ 1,8 bilhão num gasoduto entre Brasil e Bolívia e a RTZ (Rio Tinto Zinc) já gastou mais de US\$ 200 milhões numa mina de níquel no Brasil.

Fernando Henrique desembarcou à noite em Roma para uma longa programação, que inclui um encontro hoje com o presidente italiano, Oscar Luigi Scalfaro, visita ao Parlamento e o encerramento de um seminário na Cofindustria, a Confederação das Indústrias Italianas — o Brasil teve no ano passado um déficit comercial de US\$ 1,1 bilhão com a Itália, 20% do total.

Na quinta-feira, Fernando Henrique fará importante discurso na Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), em Roma. A meta do Governo é eliminar a fome crônica no Brasil, que atinge 30 milhões de brasileiros (dados do Ipea/IBGE), e usar as terras ociosas para grandes projetos agrícolas. Na lógica do Governo, de nada adianta produzir supersafra de alimentos sem aumentar a renda de quem hoje não tem dinheiro para comprar.

Presidente pede direito à alimentação como obrigação

Fernando Henrique também vai cobrar uma atitude mais firme dos países ricos que, durante a Cúpula Mundial da Alimentação, em Roma, em novembro, se negaram a incluir no plano de ação o direito à alimentação como obrigação internacional. Os países ricos, liderados pelos Estados Unidos, não querem comprometer recursos em programas para erradicar a fome no mundo.

— Os países ricos não têm que doar navios de alimentos, mas estimular tecnologicamente os mais pobres. Esta é a única contribuição duradoura. Hoje a grande maioria dos países ricos fecha os olhos para os subdesenvolvidos — afirmou o ministro da Agricultura, Arlindo Porto, que integra a comitiva.

Na sexta-feira, o presidente deve ser recebido pelo Papa João Paulo II. O Papa esteve gripado e cancelou seus compromissos na semana passada. ■